

BRIDA

PAULO COELHO



SEXTANTE

Para N.D.L., que realizou os milagres;
Christina, que faz parte de um deles; e Brida.

Ó Maria, concebida sem pecado,
rogai por nós, que recorremos a Vós. Amém.

Ou qual é a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma, não acende a candeia, varre a casa e a procura diligentemente, até encontrá-la?

E, tendo-a achado, reúne as amigas e vizinhas dizendo: Alegrai-vos porque achei a dracma que eu havia perdido.

Lucas 15:8-9

Advertência

No livro *O diário de um mago*, troquei duas das Práticas de RAM por exercícios de percepção que havia aprendido na época em que lidei com teatro. Embora os resultados fossem rigorosamente os mesmos, isso me valeu uma severa reprimenda de meu Mestre. “Não importa se existem meios mais rápidos ou mais fáceis; a Tradição jamais pode ser trocada”, disse ele.

Por causa disso, os poucos rituais descritos em *Brida* são os mesmos praticados durante séculos pela Tradição da Lua – uma Tradição específica, que requer experiência e prática na sua execução. Utilizar tais rituais sem orientação é perigoso, desaconselhável, desnecessário, e pode prejudicar seriamente a Busca Espiritual.

PAULO COELHO

Antes de começar

Sentávamos toda noite num café em Lourdes. Eu, um peregrino do sagrado Caminho de Roma, que precisava andar muitos dias em busca do meu Dom. Ela, Brida O’Fern, controlava determinada parte deste caminho.

Numa dessas noites resolvi perguntar-lhe se ela experimentara uma emoção muito forte ao conhecer determinada abadia, parte da trilha em forma de estrela que os Iniciados percorrem nos Pireneus.

– Nunca estive lá – respondeu.

Fiquei surpreso. Afinal de contas, ela já possuía um Dom.

– Todos os caminhos levam a Roma – disse Brida, usando um velho provérbio para me dizer que os Dons podiam ser despertados em qualquer lugar. – Fiz meu Caminho de Roma na Irlanda.

Em nossos encontros seguintes ela me contou a história de sua busca. Quando acabou, perguntei se podia, algum dia, escrever o que tinha ouvido.

Ela concordou num primeiro momento. Mas, cada vez que nos encontrávamos, ia colocando um obstáculo. Pediu que trocasse os nomes das pessoas envolvidas, queria saber que tipo de gente ia ler e como as pessoas iam reagir.

– Não posso saber – respondi. – Mas creio que não é por causa disso que você está criando tanto problema.

– Tem razão – disse ela. – É porque acho que é uma experiência muito particular. Não sei se as pessoas podem tirar alguma coisa de proveitoso dela.

* * *

Este é um risco que agora corremos juntos, Brida. Um texto anônimo da Tradição diz que cada pessoa, em sua existência, pode ter duas atitudes: Construir ou Plantar. Os construtores podem demorar anos em suas tarefas, mas um dia terminam aquilo que estavam fazendo. Então param, e ficam limitados por suas próprias paredes. A vida perde o sentido quando a construção acaba.

Mas existem os que plantam. Estes às vezes sofrem com as tempestades, as estações, e raramente descansam. Mas, ao contrário de um edifício, o jardim jamais para de crescer. E, ao mesmo tempo em que exige a atenção do jardineiro, também permite que, para ele, a vida seja uma grande aventura.

Os jardineiros se reconhecerão entre si – porque sabem que na história de cada planta está o crescimento de toda a Terra.

O AUTOR

IRLANDA

agosto de 1983 – março de 1984

VERÃO E OUTONO

– Quero aprender magia – disse a moça.

O Mago olhou para ela. Jeans desbotado, camiseta e o ar de desafio que toda pessoa tímida costuma usar quando não devia. “Devo ter o dobro da idade dela”, pensou. E, apesar disso, sabia que estava diante da sua Outra Parte.

– Meu nome é Brida – continuou ela. – Desculpe não ter me apresentado. Esperei muito por este momento, e estou mais ansiosa do que pensava.

– Para que você quer aprender magia? – perguntou ele.

– Para responder a algumas perguntas de minha vida. Para conhecer os poderes ocultos. E, talvez, para viajar ao passado e ao futuro.

Não era a primeira vez que alguém ia até o bosque lhe pedir isso. Houve época em que fora um Mestre muito conhecido e respeitado pela Tradição. Aceitara vários discípulos e acreditara que o mundo mudaria na medida em que ele pudesse mudar aqueles que o cercavam. Mas havia cometido um erro. E os Mestres da Tradição não podem cometer erros.

– Você não se acha muito jovem?

– Tenho 21 anos – disse Brida. – Se quisesse aprender balé agora, já seria considerada velha demais.

O Mago fez um sinal para que ela o acompanhasse. Os dois começaram a caminhar juntos pelo bosque, em silêncio. “Ela é bonita”, pensava ele, enquanto as sombras das árvores iam mudando rapidamente de posição – porque o sol já estava perto do

horizonte. “Mas tenho o dobro da idade dela.” Isso significava que possivelmente iria sofrer.

Brida estava irritada com o silêncio do homem que caminhava ao seu lado; sua última frase não merecera sequer um comentário da parte dele. O chão da floresta estava úmido, coberto de folhas secas; ela também reparou nas sombras mudando e na noite caindo rapidamente. Dali a pouco ia escurecer, e eles não estavam carregando lanterna alguma.

“Preciso confiar nele”, encorajava a si mesma. “Se acredito que ele pode me ensinar magia, acredito também que ele pode me guiar por uma floresta.”

Continuaram caminhando. Ele parecia andar sem qualquer rumo, de um lado para outro, mudando de direção sem que qualquer obstáculo estivesse interrompendo seu caminho. Mais de uma vez andaram em círculos, passando três ou quatro vezes pelo mesmo lugar.

“Quem sabe está me testando.” Estava resolvida a ir até o fim com aquela experiência e procurava demonstrar que tudo que estava ocorrendo – inclusive as caminhadas em círculo – eram coisas perfeitamente normais.

Viera de muito longe e havia esperado muito por aquele encontro. Dublin ficava a quase 150 quilômetros de distância, e os ônibus até aquela aldeia eram desconfortáveis e saíam em horários absurdos. Ela teve que acordar cedo, viajar três horas, perguntar por ele na cidadezinha, explicar o que desejava com um homem tão estranho. Finalmente lhe indicaram a área do bosque onde ele costumava ficar durante o dia – mas não sem antes alguém preveni-la de que ele já tentara seduzir uma das moças da aldeia.

“Ele é um homem interessante”, pensou consigo mesma. O caminho agora era uma subida, e ela começou a torcer para que o sol demorasse ainda um pouco mais no céu. Tinha medo de escorregar nas folhas úmidas que estavam no chão.

– Por que você quer mesmo aprender magia?

Brida ficou contente porque o silêncio havia sido quebrado. Repetiu a resposta que dera antes.

Mas ele não se deu por satisfeito.

– Talvez você queira aprender magia porque ela é misteriosa e oculta. Porque tem respostas que poucos seres humanos conseguem encontrar em sua vida inteira. Mas, sobretudo, porque ela evoca um passado romântico.

Brida não disse nada. Não sabia o que dizer. Ficou desejando que ele voltasse ao seu silêncio habitual, porque estava com medo de dar uma resposta de que o Mago não gostasse.

Chegaram finalmente ao alto de um monte, depois de atravessarem o bosque inteiro. O terreno ali ficava rochoso e despido de qualquer vegetação; mas era menos escorregadio, e Brida acompanhou o Mago sem qualquer dificuldade.

Ele sentou-se na parte mais alta e pediu que Brida fizesse o mesmo.

– Outras pessoas já estiveram aqui antes – disse o Mago. – Vieram me pedir que eu lhes ensinasse magia. Mas eu já ensinei tudo que precisava ensinar, já devolvi à humanidade o que ela me deu. Hoje quero ficar sozinho, subir as montanhas, cuidar das plantas e comungar com Deus.

– Não é verdade – respondeu a moça.

– O que não é verdade? – Ele estava surpreso.

– Talvez queira comungar com Deus. Mas não é verdade que queira ficar sozinho.

Brida se arrependeu. Disse tudo aquilo num impulso, e agora era tarde demais para consertar seu erro. Talvez existissem pessoas que gostassem de ficar sozinhas. Talvez as mulheres precisassem mais dos homens do que os homens das mulheres.

O Mago, entretanto, não parecia irritado quando tornou a falar.

– Vou lhe fazer uma pergunta – disse. – Você tem que ser absolutamente sincera em sua resposta. Se me falar a verdade, eu lhe ensino o que me pede. Se mentir, nunca mais deve voltar a esta floresta.

Brida respirou aliviada. Era apenas uma pergunta. Não precisava mentir, isso era tudo. Sempre achou que os Mestres, para aceitarem seus discípulos, exigiam coisas mais difíceis.

Ele sentou-se bem na sua frente. Seus olhos estavam brilhantes.

– Suponhamos que eu comece a lhe ensinar o que aprendi – falou, com os olhos fixos nos olhos dela. – Comece a lhe mostrar os universos paralelos que nos rodeiam, os anjos, a sabedoria da natureza, os mistérios da Tradição do Sol e da Tradição da Lua. E, certo dia, você desce à cidade para comprar alguns alimentos e encontra no meio da rua o homem de sua vida.

“Não saberia reconhecê-lo”, pensou ela. Mas resolveu ficar calada; a pergunta parecia mais difícil do que tinha imaginado.

– Ele percebe a mesma coisa, e consegue se aproximar de você. Os dois se apaixonam. Você continua seus estudos comigo, eu lhe mostro a sabedoria do Cosmos durante o dia, ele lhe mostra a sabedoria do Amor durante a noite. Mas chega um determinado momento em que as duas coisas não podem mais caminhar juntas. Você precisa escolher.

O Mago parou de falar por alguns instantes. Antes mesmo de perguntar, teve medo da resposta da moça. Sua vinda, naquela tarde, significava o final de uma etapa na vida de ambos. Ele sabia disso, porque conhecia as tradições e os desígnios dos Mestres. Precisava tanto dela quanto ela dele. Mas ela devia falar a verdade naquele momento; era a única condição.

– Agora me responda com toda a franqueza – disse, enfim, tomando coragem. – Você largaria tudo o que aprendeu até então, todas as possibilidades e todos os mistérios que o mundo da magia poderia lhe proporcionar, para ficar com o homem da sua vida?

Brida desviou os olhos dele. À sua volta estavam as montanhas, as florestas, e lá embaixo a pequena aldeia começava a acender suas luzes. As chaminés fumegavam, daqui a pouco as famílias estariam reunidas em torno da mesa para jantar. Trabalhavam com honestidade, temiam a Deus e procuravam ajudar o próximo. Faziam aquilo tudo porque conheciam o amor. Suas vidas estavam explicadas, eram capazes de entender tudo o que se passava no Universo, sem jamais terem ouvido falar de coisas como a Tradição do Sol e a Tradição da Lua.

– Não vejo nenhuma contradição entre a minha busca e a minha felicidade – disse ela.

– Responda ao que lhe perguntei. – Os olhos do Mago estavam fixos nos olhos dela. – Você largaria tudo por essa pessoa?

Brida sentiu uma vontade imensa de chorar. Não era apenas uma pergunta, era uma escolha, a escolha mais difícil que as pessoas têm que fazer na vida. Já pensara muito sobre isso. Houve época em que nada mais no mundo era tão importante quanto ela mesma. Teve muitos namorados, sempre acreditou que amava cada um e sempre viu o amor acabar de uma hora para outra. De tudo o que conhecia até então, o amor era o mais difícil. No momento estava apaixonada por alguém que tinha pouco mais que sua idade, estudava Física e via o mundo de um modo completamente diferente do dela. Mais uma vez estava acreditando no amor, apostando nos seus sentimentos, mas se decepcionara tantas vezes que não tinha mais certeza de nada. Mesmo assim, esta era ainda a grande aposta da sua vida.

Evitou olhar para o Mago. Seus olhos se fixaram na cidade com chaminés fumegando. Era através do amor que todos procuravam entender o Universo desde o começo dos tempos.

– Eu largaria – disse finalmente.

Aquele homem a sua frente jamais iria entender o que se pas-

sava no coração das pessoas. Era um homem que conhecia o poder, os mistérios da magia, mas não conhecia as pessoas. Tinha os cabelos grisalhos, a pele queimada pelo sol e o físico de quem está acostumado a subir e descer aquelas montanhas. Era encantador, com seus olhos refletindo sua alma cheia de respostas, e devia estar mais uma vez decepcionado com os sentimentos dos seres humanos comuns. Ela também estava decepcionada consigo mesma, mas não podia mentir.

– Olhe para mim – disse o Mago.

Brida estava com vergonha. Mas olhou assim mesmo.

– Você falou a verdade. Eu vou lhe ensinar.

A noite caiu por completo, e as estrelas brilhavam num céu sem lua. Em duas horas Brida contou sua vida inteira para aquele desconhecido. Tentou buscar fatos que explicassem seu interesse por magia – como visões na infância, premonições, chamados interiores –, mas não conseguiu encontrar nada. Sentia vontade de conhecer, e isso era tudo. E por causa disso já frequentara cursos de astrologia, tarô, numerologia.

– São apenas linguagens – disse o Mago. – E não são as únicas. A magia fala todas as linguagens do coração do homem.

– O que é magia, então? – perguntou ela.

Mesmo no escuro, Brida percebeu que o Mago virou o rosto. Estava olhando o céu, absorto, quem sabe em busca de uma resposta.

– Magia é uma ponte – disse enfim. – Uma ponte que permite a você andar do mundo visível para o invisível. E aprender as lições de ambos os mundos.

– E como posso aprender a cruzar essa ponte?

– Descobrimo sua maneira de cruzá-la. Cada pessoa tem sua maneira.

– Foi o que vim buscar aqui.

– Existem duas formas – respondeu o Mago. – A Tradição do Sol, que ensina os segredos através do espaço, das coisas que nos

cercam. E a Tradição da Lua, que ensina os segredos através do Tempo, das coisas que estão presas na memória do tempo.

Brida havia entendido. A Tradição do Sol era aquela noite, as árvores, o frio no seu corpo, as estrelas no céu. E a Tradição da Lua era aquele homem à sua frente, com a sabedoria dos antepassados brilhando nos olhos.

– Aprendi a Tradição da Lua – disse o Mago, como se estivesse adivinhando seus pensamentos. – Mas jamais fui um Mestre nela. Sou um Mestre na Tradição do Sol.

– Mostre-me a Tradição do Sol – falou Brida, desconfiada, porque havia pressentido uma certa ternura na voz do Mago.

– Vou lhe ensinar o que aprendi. Mas são muitos os caminhos da Tradição do Sol.

“É preciso ter confiança na capacidade que cada pessoa tem de ensinar a si mesma.”

Brida não estava enganada. Havia mesmo ternura na voz do Mago. Aquilo a assustava, em vez de deixá-la mais à vontade.

– Sou capaz de entender a Tradição do Sol – disse.

O Mago parou de olhar as estrelas e se concentrou na menina. Sabia que ela ainda não era capaz de aprender a Tradição do Sol. Mesmo assim, devia ensiná-la. Certos discípulos escolhem os seus Mestres.

– Quero lembrar uma coisa, antes da primeira lição – disse. – Quando alguém encontra seu caminho, não pode ter medo. Precisa ter coragem suficiente para dar passos errados. As decepções, as derrotas, o desânimo são ferramentas que Deus utiliza para mostrar a estrada.

– Ferramentas estranhas – falou Brida. – Muitas vezes fazem com que as pessoas desistam.

O Mago conhecia o motivo. Já havia experimentado no corpo e na alma estranhas ferramentas de Deus.

– Ensine-me a Tradição do Sol – insistiu ela.

O Mago pediu que Brida encostasse numa saliência da rocha e relaxasse.

– Não precisa fechar os olhos. Veja o mundo ao seu redor e perceba tudo que puder perceber. Em cada momento, diante de cada pessoa, a Tradição do Sol mostra a sabedoria eterna.

Brida fez o que o Mago estava mandando. Mas achou que ele estava indo muito rápido.

– Esta é a primeira e mais importante lição – disse ele. – Foi criada por um místico espanhol, que entendeu o significado da fé. Seu nome era Juan de La Cruz.

Olhou para a menina, entregue e confiante. Do fundo do seu coração, torceu para que ela entendesse o que estava para lhe ensinar. Afinal de contas ela era a sua Outra Parte, mesmo que ainda não soubesse, mesmo que ainda fosse muito jovem e estivesse fascinada pelas coisas e pelas pessoas do mundo.

Brida enxergou, através da escuridão, o vulto do Mago entrando no bosque e sumindo entre as árvores que ficavam à sua esquerda. Teve medo de ficar sozinha ali, e procurou manter-se relaxada. Esta era sua primeira lição, não podia demonstrar qualquer nervosismo.

“Ele me aceitou como discípula. Não posso decepcioná-lo.”

Estava contente consigo mesma, e ao mesmo tempo surpresa com a rapidez com que tudo acontecera. Mas jamais havia duvidado de sua capacidade – tinha orgulho dela e do que a levava até ali. Teve certeza de que, de algum lugar da rocha, o Mago estava olhando suas reações, para ver se era capaz de aprender a primeira lição de magia. Ele havia falado em coragem; mesmo com medo – no fundo da sua mente começavam a surgir imagens de cobras e escorpiões que habitavam aquela rocha – ela devia demonstrar coragem. Dali a pouco ele ia voltar, para ensinar a primeira lição.

“Sou uma mulher forte e decidida”, repetiu baixo, para si mesma. Era uma privilegiada em estar ali, com aquele homem, que as pessoas adoravam ou temiam. Reviu toda a tarde que passaram juntos, lembrou-se do momento em que percebeu alguma ternura em sua voz. “Quem sabe também me achou uma mulher interessante. Talvez até mesmo quisesse fazer amor comigo.” Não seria uma experiência ruim; havia algo de estranho nos olhos dele.

“Que pensamentos tolos.” Estava ali atrás de algo muito concreto – um caminho de conhecimento – e de repente percebia a

si mesma como uma simples mulher. Procurou não pensar mais nisso, e foi quando se deu conta de que muito tempo já havia se passado desde que o Mago a deixara sozinha.

Começou a sentir um início de pânico; a fama que corria a respeito daquele homem era contraditória. Algumas pessoas diziam que ele fora o mais poderoso Mestre que já haviam conhecido, que era capaz de mudar a direção do vento, de abrir buracos em nuvens, utilizando apenas a força do pensamento. Brida, como todo mundo, era fascinada por prodígios dessa natureza.

Outras pessoas, entretanto – pessoas que frequentavam o mundo da magia, os mesmos cursos e aulas que ela frequentava –, garantiam que ele era um feiticeiro negro, que certa vez havia destruído um homem com o seu Poder porque se apaixonara pela mulher deste homem. Fora por isso que, mesmo sendo um Mestre, fora condenado a vagar na solidão das florestas.

“Talvez a solidão o tenha enlouquecido ainda mais”, e Brida começou a sentir de novo um início de pânico. Apesar da pouca idade, já conhecia os danos que a solidão era capaz de causar nas pessoas, principalmente quando ficavam mais velhas. Encontrara pessoas que haviam perdido todo o brilho de viver porque não conseguiam mais lutar contra a solidão, e acabaram ficando viciadas nela. Eram, em sua maioria, pessoas que achavam o mundo um lugar sem dignidade e sem glória, que gastavam suas tardes e noites falando sem parar dos erros que os outros haviam cometido. Eram pessoas que a solidão havia convertido em juizes do mundo, cujas sentenças se espalhavam aos quatro ventos, para quem quisesse ouvir. Talvez o Mago tivesse enlouquecido com a solidão.

De repente, um ruído mais forte ao seu lado fez com que ela desse um salto e seu coração disparasse. Já não existia qualquer

vestígio do abandono em que se encontrava há algum tempo. Olhou em volta sem distinguir nada. Uma onda de pavor parecia nascer de sua barriga e espalhar-se por seu corpo inteiro.

“Tenho que me controlar”, pensou, mas era impossível. A imagem das cobras, dos escorpiões, os fantasmas de sua infância, começaram a aparecer na sua frente. Brida estava apavorada demais para conseguir manter o controle. Uma outra imagem surgiu: a de um feiticeiro poderoso, com um pacto demoníaco, que estava oferecendo sua vida em holocausto.

– Onde está você? – gritou finalmente. Já não queria impressionar mais ninguém. Tudo o que queria era sair dali.

Ninguém respondeu.

– Eu quero sair daqui! Me socorra!

Mas havia apenas a floresta com seus ruídos estranhos. Brida sentiu-se tonta de medo, achou que ia desmaiar. Mas não podia; agora que tinha a certeza de que ele estava longe, desmaiar seria pior. Precisava manter o controle de si mesma.

Este pensamento fez com que descobrisse que alguma força dentro dela estava lutando para manter esse controle. “Não posso continuar gritando”, foi seu primeiro pensamento. Seus gritos podiam chamar a atenção de outros homens que viviam naquela floresta e homens que vivem em florestas podem ser mais perigosos que animais selvagens.

“Tenho fé”, começou a repetir baixinho. “Tenho fé em Deus, fé no meu Anjo da Guarda, que me trouxe até aqui e que permanece comigo. Não sei explicar como ele é, mas sei que ele está perto. Não tropeçarei em nenhuma pedra.”

A última frase era de um Salmo que aprendeu na infância e que há muitos anos não passava por sua cabeça. Sua avó, que morrera fazia pouco tempo, lhe havia ensinado. Gostaria que ela estivesse por perto naquele momento; imediatamente sentiu uma presença amiga.

Estava começando a entender que havia uma grande diferença entre perigo e medo.

“O que habita no esconderijo do Altíssimo...”, era assim que começava o Salmo. Notou que estava se lembrando de tudo, palavra por palavra, exatamente como se sua avó estivesse recitando naquele instante para ela. Recitou durante algum tempo, sem parar, e, apesar do medo, sentiu-se mais tranquila. Não tinha nenhuma escolha naquele momento; ou acreditava em Deus, no seu Anjo da Guarda, ou se desesperava.

Sentiu uma presença protetora. “Preciso acreditar nesta presença. Não sei explicá-la, mas ela existe. E ela estará aqui comigo a noite inteira, porque não sei sair daqui sozinha.”

Quando era criança, costumava acordar no meio da noite, apavorada. Seu pai, então, ia com ela até a janela e mostrava a cidade onde viviam. Ele falava dos guardas noturnos, do leiteiro que já estava entregando o leite, do padeiro fazendo o pão de cada dia. Seu pai pedia para tirar os monstros que havia colocado na noite e substituí-los por essas pessoas, que vigiavam a escuridão. “A noite é apenas uma parte do dia”, dizia.

A noite era apenas uma parte do dia. E assim como se sentia protegida pela luz, podia se sentir protegida pelas trevas. As trevas faziam com que ela invocasse aquela presença protetora. Precisava confiar nela. E essa confiança se chamava Fé. Ninguém jamais poderia entender a Fé. A Fé era exatamente aquilo que estava experimentando agora, um mergulho sem explicação numa noite escura como aquela. Existia apenas porque se acreditava nela. Assim como os milagres também não tinham qualquer explicação, mas aconteciam para quem acreditava em milagres.

“Ele me falou da primeira lição”, disse ela, de repente se dando conta. A presença protetora estava ali porque ela acreditava nela. Brida começou a sentir o cansaço de tantas horas de tensão.

Começou a relaxar de novo, e sentia-se a cada momento mais protegida.

Tinha Fé. E a Fé não deixaria que a floresta fosse de novo povoada por escorpiões e cobras. A Fé manteria seu Anjo da Guarda acordado, velando.

Recostou-se de novo na rocha, e dormiu sem perceber.

Quando acordou já estava claro, e um lindo sol coloria tudo ao seu redor. Estava com um pouco de frio, a roupa suja, mas sua alma rejubilava-se. Havia passado uma noite inteira, sozinha, numa floresta.

Procurou com os olhos o Mago, mesmo sabendo a inutilidade de seu gesto. Ele devia estar andando pelos bosques procurando “comungar com Deus” e talvez perguntando a si mesmo se aquela menina da noite anterior teve coragem de aprender a primeira lição da Tradição do Sol.

– Aprendi sobre a Noite Escura – disse ela para a floresta, que agora estava silenciosa. – Aprendi que a busca de Deus é uma Noite Escura. Que a Fé é uma Noite Escura.

“Não foi surpresa. Cada dia do homem é uma noite escura. Ninguém sabe o que vai acontecer no próximo minuto, e mesmo assim as pessoas andam para a frente. Porque confiam. Porque têm Fé.”

Ou, quem sabe, porque não percebam o mistério encerrado no próximo segundo. Mas isso não tinha a menor importância – importante era saber que ela havia entendido.

Que cada momento na vida era um ato de Fé.

Que podia povoá-lo com cobras e escorpiões, ou com uma força protetora.

Que a Fé não tinha explicações. Era uma Noite Escura. E cabia a ela apenas aceitá-la ou não.

Brida olhou no relógio e viu que já estava ficando tarde. Precisava tomar um ônibus, viajar durante três horas e pensar em

algumas explicações convincentes para dar ao seu namorado; ele jamais iria acreditar que ela passara uma noite inteira, sozinha, numa floresta.

– É muito difícil a Tradição do Sol! – gritou para a floresta.
– Tenho que ser minha própria Mestra, e não era isto que eu esperava!

Olhou a cidadezinha lá embaixo, traçou mentalmente seu caminho pelo bosque e começou a andar. Antes, porém, voltou-se mais uma vez para a rocha.

– Quero dizer outra coisa – gritou com voz solta e alegre. – Você é um homem muito interessante.

Encostado no tronco de uma velha árvore, o Mago viu a menina sumir no bosque. Tinha escutado seu medo e ouvido seus gritos durante a noite. Em certo momento chegou a pensar em aproximar-se, abraçá-la, protegê-la do seu pavor, dizer que ela não precisava daquele tipo de desafio.

Agora estava contente por não ter feito isto. E orgulhoso de que aquela menina, com toda a sua confusão juvenil, fosse a sua Outra Parte.

No centro de Dublin existe uma livraria especializada em tratados de ocultismo mais avançados. É uma livraria que jamais fez qualquer publicidade em jornais ou revistas – as pessoas só chegam lá indicadas por outras, e o livreiro fica contente, porque tem um público seleta e especial.

Mesmo assim, a livraria está sempre cheia. Depois de ouvir falar muito dela, Brida finalmente conseguiu o endereço com o professor de um curso de viagem astral que estava frequentando. Foi lá certa tarde, após o trabalho, e ficou encantada com o lugar.

A partir daí, sempre que podia, ia olhar os livros – apenas olhar, porque eram todos importados e muito caros. Costumava folhear um por um, prestando atenção nos desenhos e símbolos que alguns volumes traziam, e sentindo intuitivamente a vibração de todo aquele conhecimento acumulado. Tinha ficado mais cautelosa depois da experiência com o Mago. Às vezes costumava reclamar de si mesma, porque só conseguia participar de coisas que pudesse entender. Pressentia que estava perdendo algo importante nesta vida, que dessa maneira só teria experiências repetidas. Mas não tinha coragem de mudar. Precisava estar sempre enxergando o seu caminho; agora que conhecia a Noite Escura, sabia que não desejava andar por ela.

E apesar de ficar insatisfeita consigo mesma algumas vezes, era impossível ir além de seus próprios limites.

Os livros eram mais seguros. As estantes continham reedições de tratados escritos há centenas de anos – muito pouca gente

arriscava dizer algo de novo nesta área. E a sabedoria oculta parecia sorrir naquelas páginas, distante e ausente, sorrindo do esforço dos homens em tentar desvendá-la a cada geração.

Além dos livros, Brida tinha outro grande motivo para frequentar o local: ficava observando quem vinha sempre ali. Às vezes fingia folhear respeitáveis tratados alquímicos, mas seus olhos estavam concentrados nas pessoas – homens e mulheres, geralmente mais velhos que ela – que sabiam o que desejavam e iam sempre à prateleira certa. Tentava imaginar como deviam ser na intimidade. Às vezes pareciam sábios, capazes de despertar a força e o poder que os mortais não conheciam. Outras vezes pareciam apenas pessoas desesperadas, tentando descobrir novamente respostas que esqueceram há muito tempo – e sem as quais a vida deixava de ter sentido.

Reparou também que os fregueses mais constantes costumavam conversar com o livreiro. Falavam de coisas estranhas, como fases da Lua, propriedade de pedras e pronúncia correta de palavras rituais.

Certa tarde, Brida tomou coragem para fazer a mesma coisa. Estava voltando do trabalho, onde tudo dera certo. Achou que devia aproveitar o dia de sorte.

– Sei que existem sociedades secretas – disse ela. Achou que era um bom começo para a conversa. Ela “sabia” de alguma coisa.

Mas tudo que o livreiro fez foi erguer a cabeça das contas que estava fazendo e olhar espantado para a moça.

– Estive com o Mago de Folk – disse uma Brida já meio desconcertada, sem saber como continuar. – Ele me explicou sobre a Noite Escura. Ele me disse que o caminho da sabedoria é não ter medo de errar.

Reparou que o livreiro já estava prestando mais atenção nas suas palavras. Se o Mago ensinara alguma coisa a ela, é porque ela devia ser uma pessoa especial.

– Se você sabe que o caminho é a Noite Escura, então por que buscar os livros? – disse ele finalmente, e ela entendeu que a referência ao Mago não tinha sido uma boa ideia.

– Porque não quero aprender daquela maneira – emendou ela.

O livreiro ficou olhando para a menina a sua frente. Ela possuía um Dom. Mas era estranho que, apenas por isso, o Mago de Folk tivesse dedicado tanta atenção a ela. Devia haver outra coisa. Podia também ser mentira, mas ela comentara sobre a Noite Escura.

– Tenho visto você sempre por aqui – disse. – Entra, folheia tudo e nunca compra livros.

– São caros – disse Brida, pressentindo que ele estava interessado em continuar a conversa. – Mas já li outros livros, frequentei vários cursos.

Disse o nome dos professores. Talvez o livreiro ficasse ainda mais impressionado.

De novo a coisa funcionou contra suas expectativas. O livreiro a interrompeu e foi dar atenção a um freguês que queria saber se o almanaque com as posições planetárias para os próximos cem anos havia chegado.

O livreiro consultou uma série de pacotes que estavam debaixo do balcão. Brida reparou que os pacotes traziam carimbos de diversos cantos do mundo.

Estava cada vez mais nervosa; sua coragem inicial havia passado por completo. Mas teve que esperar o freguês conferir o livro, pagar, receber o troco, ir embora. Só então o livreiro voltou-se novamente para ela.

– Não sei como continuar – disse Brida. Seus olhos estavam começando a ficar vermelhos.

– O que você sabe fazer bem? – perguntou ele.

– Ir atrás do que acredito. – Não havia outra resposta. Vivia correndo atrás daquilo em que acreditava.

O problema é que cada dia acreditava em uma coisa diferente.

O livreiro escreveu um nome no pedaço de papel onde estava fazendo suas contas. Rasgou o pedaço onde havia escrito e ficou segurando-o nas mãos.

– Vou lhe dar um endereço – disse. – Houve uma época em que as pessoas aceitavam as experiências mágicas como coisas naturais. Naquela época não havia sequer sacerdotes. E ninguém saía correndo atrás de segredos ocultos.

Brida não sabia se ele estava se referindo a si mesmo.

– Você sabe o que é magia? – perguntou ele.

– É uma ponte. Entre o mundo visível e invisível.

O livreiro estendeu um papel para ela. Ali estava um telefone e um nome: Wicca.

Brida agarrou rapidamente o papel, agradeceu e saiu. Ao chegar à porta, voltou-se para ele.

– E também sei que a magia fala muitas linguagens. Inclusive a de livreiros, que se fingem de difíceis, mas que são generosos e acessíveis.

Mandou um beijo e sumiu porta afora. O livreiro interrompeu suas contas e ficou olhando a própria loja. “O Mago de Folk ensinou essas coisas para ela”, pensou. Um Dom, por melhor que fosse, não era suficiente para que o Mago se interessasse; devia existir outro motivo. Wicca seria capaz de descobrir qual era.

Já estava na hora de fechar. O livreiro estava notando que o público de sua loja começava a mudar. Estava cada vez mais jovem – como diziam os velhos tratados que atulhavam suas estantes, as coisas começavam finalmente a voltar para o lugar de onde partiram.

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA SEXTANTE,
visite o site www.sextante.com.br,
curta a página [facebook.com/esextante](https://www.facebook.com/esextante)
e siga @sextante no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@esextante.com.br



www.sextante.com.br



[facebook.com/esextante](https://www.facebook.com/esextante)



twitter: @sextante

Editora Sextante

Rua Voluntários da Pátria, 45 / 1.404 – Botafogo

Rio de Janeiro – RJ – 22270-000 – Brasil

Telefone: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244

E-mail: atendimento@esextante.com.br